
IMPLICAÇÕES ÉTICAS DO CUIDADO DE SI NA OBRA DE MICHEL FOUCAULT

ETHICAL IMPLICATIONS OF CARE OF THE SELF IN THE WORK OF MICHEL FOUCAULT

ELVIS REZENDE MESSIAS

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG Campanha)

IURI DE CARVALHO SANTOS

Faculdade Católica de Pouso Alegre (FACAPA)

Resumo: Este artigo é fruto de pesquisa bibliográfica e perspectiva teórico-conceitual, problematizando como a questão ética se faz presente na obra de Michel Foucault. Seu objetivo geral é compreender as implicações éticas do cuidado de si, imperativo grego retomado pelo último Foucault. Inicialmente, investiga quando e de que modo a reflexão ética encontra-se no pensamento de Foucault. Posteriormente, identifica a relação ética consigo mesmo e seus postulados. Por fim, procura elucidar como Foucault encontra na ética do cuidado de si um modo de construção de si mesmo, uma relação distinta do *assujeitamento* às normas, suas características e também o modelo da estética da existência para uma elaboração da vida como uma obra de arte, ou seja, em uma constituição do sujeito.

Palavras-chave: cuidado de si; práticas de si; estética da existência; ética; Michel Foucault.

Abstract: This text is the result of bibliographical research and theoretical-conceptual perspective and problematizes how the ethical issue is present in the work of Michel Foucault. The general objective of the article is to understand the ethical implications of self-care in light of Foucault's work. Initially, the text investigates when and how ethical reflection is found in Foucault's thought. Subsequently, it identifies the ethical relationship with oneself and its postulates. Finally, it seeks to elucidate how Foucault finds in the ethics of self-care a way of constructing oneself, a relationship distinct from subjection to norms, its characteristics and also the model of the aesthetics of existence for an elaboration of life as a work of art. in a new way of being.

Keywords: self-care; self-practice; aesthetics of existence; etich; Michel Foucault.

1 INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade encontramos pensadores que buscavam um princípio originário de todas as coisas e assim analisavam a realidade ao seu redor, percebendo a mutabilidade de tudo em contraponto à inquestionável capacidade humana de dar sentido a sua existência à luz da observação minuciosa do entorno e de si mesmo. Quando o filósofo Heráclito (540 a.C – 470 a.C) considerou detalhadamente a fluidez do real, ele já percebera que também o sujeito humano não permanece o mesmo.

A problemática do sujeito, em especial, permanece viva no âmbito da discussão filosófica até os dias de hoje. Seja em uma relação reflexiva consigo mesmo ou na postura que se assume diante do mundo e dos limites do conhecimento, o sujeito é um problema marcante da filosofia moral contemporânea e procura compreender como o humano é construído e desconstruído, como cria a si mesmo, quais são seus modos de sobrevivência e sujeição etc.

Frente a essa complexa realidade histórica e cultural, destaca-se a figura de Paul-Michel Foucault (França, 1926-1984). Esse pensador direcionou sua pesquisa para a emergência do sujeito em diversos campos através dos métodos arqueológico e genealógico. Por uma ótica avessa ao que até então a academia conhecia em sua época, Foucault estudou a constituição do sujeito através da origem das ciências humanas, dos saberes normatizadores, dos dispositivos disciplinares e sexuais e também através da relação ética consigo mesmo. A originalidade e pertinência de seu pensamento estão em encontrar as matrizes da atualidade pela história; realizava assim uma ontologia do presente.

Ao final da década de 1970 e início dos anos 1980, Foucault analisou a constituição do sujeito dentro da chamada *História da Sexualidade* e identificou o cuidado de si, *epiméleia heautoû*, imperativo grego que perdurou durante a Antiguidade até o cristianismo primitivo. Por meio da relação consigo mesmo, no cuidado de si, o sujeito constrói a si mesmo.

O presente artigo investiga as implicações éticas do cuidado de si no pensamento de Foucault, considerando o advento da análise da relação consigo mesmo como relação

moral e suas principais características. Além disso, procuramos identificar como uma ética do cuidado de si, isto é, como a relação consigo mesmo, através do cuidado de si, pode contribuir para uma elaboração ética na contemporaneidade. Em síntese, analisamos a construção do sujeito a partir do cuidado de si, dentro da obra de Michel Foucault, e suas implicações éticas.

2 O PROBLEMA ÉTICO NA OBRA DE FOUCAULT

Após a publicação do primeiro volume da *História da Sexualidade, a vontade de saber*, o projeto inicial de Foucault foi totalmente reorganizado, sendo possível afirmar que ocorreu uma mudança metodológica no seu pensamento; uma mudança sim, mas não uma ruptura. *A vontade de saber* foi publicada em 1976, um ano após àquela que talvez seja sua obra mais conhecida, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* chegar a público, revolucionando a análise das relações de poder. Em ambas as obras, Foucault centraliza sua análise nas relações de poder e sua reprodução social: em *Vigiar e Punir* ele descreve o desenvolvimento do poder disciplinar e seu efeito sobre os indivíduos; em *A vontade de saber* ele analisa a sexualidade como um dispositivo, ou seja, um conjunto de saberes estruturados em torno do sexo não para reprimi-lo, mas utilizá-lo para o controle dos indivíduos. As obras de Foucault sempre se marcaram pela análise da estruturação desses discursos em relação com a verdade e as relações de poder. Segundo ele, essa é a pergunta que perpassará a maioria dos seus livros: “como, nas sociedades ocidentais, a produção de discursos carregados (pelo menos por um tempo determinado) de um valor de verdade está ligada aos diferentes mecanismos e instituições do poder?” (Foucault, 2014a, p. 12).

Ao final de *A vontade de saber*, Foucault chega a um ponto problemático. Ele percebe a necessidade de analisar outro eixo, distinto do Saber e do Poder, mas não oposto. Ele desloca sua análise para o Si, para outro eixo. Deleuze (2005) chama isso de dobra ou lado de dentro do pensamento, ou seja, as influências que os saberes e as relações de poder exercem sobre o sujeito numa relação consigo mesmo, constituindo-

o como sujeito moral e também em uma provocação sobre os modos de subjetivação. As três dimensões do trabalho de Foucault, *Saber, Poder e o Si* estão em constante implicação e são chamadas de ontologias históricas; históricas por não designarem condições universais. *O Ser-saber* é manifesto em sua existência singular e limitada através do visível e do enunciável, em uma relação com a verdade que constitui o sujeito do conhecimento. *O Ser-poder* é determinado através das relações de força que variam conforme a época e os sujeitos se constituem agindo uns sobre os outros. Quanto ao *Ser-si, o si*, este é caracterizado pelo processo de subjetivação que o sujeito sofre e aplica a si mesmo, em uma análise de como o sujeito se constitui em suas relações com a moral (Deleuze, 2005, p. 121-122; Foucault, 2014a, p. 223). Essas três dimensões são ilustradas por problemáticas que variam com a história.

O que elas apresentam, com efeito, é a maneira através da qual o problema se coloca em tal formação histórica: que posso eu saber, ou que posso ver e enunciar em tais condições de luz e de linguagem? Que posso fazer, a que poder visar e que resistências opor? Que posso ser, de que dobras me cercar ou como me produzir como sujeito? Sob essas três questões, o “eu” não designa um universal, mas um conjunto de posições singulares ocupadas num Fala-Se/Vê-Se, Combate-Se, Vive-Se. (Deleuze, 2005, p. 122).

Destacamos que a questão de Foucault em relação à sexualidade está muito além da genitalidade. Ele se questiona sobre o porquê de em nossas sociedades ocidentais a sexualidade não ser apenas um fator de reprodução dos indivíduos, mas sim um local onde se lê uma profunda verdade sobre o ser humano. Como se pode apreender, é a temática da produção da verdade que desperta seu interesse (Díaz, 2012, p. 151).

Foucault não diz que o poder inventou o sexo a partir do nada, mas ele afirma que os comportamentos e a relação dos indivíduos com os prazeres foram solidificados, estruturados de acordo com diversos dispositivos; isso quer dizer que, sobre o desejo, vários dispositivos foram aplicados em diferentes momentos históricos, estruturando formas de o sujeito lidar com o próprio desejo, consigo mesmo e suas práticas.

A sexualidade não é, argumenta ele, uma qualidade herdada da carne que várias sociedades louvam e reprimem – não, como pensava Freud, um impulso biológico que a civilização canaliza em uma direção ou outra. É uma

forma de moldar o *self* “na experiência da carne”, que por si só é “constituída em torno de certas formas de comportamento”. Essas formas, por sua vez, existem com relação a sistemas historicamente especificáveis de conhecimento, regras sobre o que é ou não é natural, e ao que Foucault chama de “modo ou relação entre o indivíduo e ele próprio, que permite com que ele se reconheça como um sujeito sexual entre outros”. (Laqueur, 2001, p. 24).

Os dois volumes seguintes da *História da Sexualidade, O Uso dos Prazeres e O cuidado de si*, ambos publicados em 1984, marcam uma mudança de abordagem. Ao debruçar-se sobre a temática da ética, Foucault percebeu que não a sexualidade fora problematizada através dos séculos, mas o desejo. Assim, ele realizou a chamada genealogia do sujeito de desejo, analisando as práticas em que o indivíduo foi conduzido a prestar atenção em si mesmo em uma relação em que se descobria no desejo a verdade do seu ser. A partir do segundo volume da *História da Sexualidade*, o autor abandona o seu projeto inicial e estuda as formações de uma hermenêutica de si, investiga por quais jogos de verdade o sujeito do desejo se reconhece a si mesmo. Além disso, analisa como os comportamentos sexuais e os prazeres, desde a Antiguidade, foram alvos de uma problematização moral, mesmo não existindo muitas vezes uma proibição ou regulação codificada (Díaz, 2012, p. 155).

Para fazer essa análise, Foucault realiza uma arqueologia das problematizações éticas e uma genealogia das práticas de si. Vale destacar que as práticas de si desenrolaram-se ao longo da história como um modo de atribuir um valor estético à própria vida, perdendo um pouco desse sentido com o advento do cristianismo e a assimilação dessas tecnologias do eu para uma ascese como purificação. De modo algum Foucault pretende explicar a história da ética em seu desdobrar de sistemas morais, mas sim as condições de possibilidade do sujeito nessa moral (Díaz, 2012, p. 156).

Deleuze (2005, p. 103-107) destaca o que chamou de “tema do duplo” que percorreu toda obra foucaultiana e também onde se percebe a relação entre a subjetividade e a ética. Ao realizar suas análises, Foucault realiza uma crítica à interioridade. A pergunta é: como que se constitui o “lado de dentro” do ser humano? Após as análises das relações de poder e dos jogos de verdade, Deleuze (2005, p. 104) afirma que “O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e dobras que constituem o lado de dentro: nada

além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro *do lado de fora*". O tema do duplo não é então uma projeção do interior, mas uma interiorização do lado de fora, uma reduplicação do Outro, no qual se encontra o outro no si. A subjetivação se dá através do que é recebido externamente. É o tema da subjetividade como assujeitamento e que Foucault realiza uma teoria crítica para uma elaboração de si mesmo; isso justifica o retorno aos gregos e à análise da relação consigo mesmo (Foucault, 2010).

O retorno aos gregos ocorre após identificar no cuidado de si, na cultura de si, novas relações de poder, quando o sujeito dominará a si mesmo, dirigirá sua casa e participará do governo da cidade. Além disso, Deleuze (2005, p. 107) assinala que Foucault identifica o surgimento dessa relação consigo mesmo de forma independente, derivando dessas relações externas de poder e saber. As relações do lado de fora possibilitaram ao sujeito uma preparação interior através dos códigos para uma constituição de si mesmo.

É como se as relações do lado de fora se dobrassem, se curvassem para formar um forro e deixar surgir a relação consigo, constituir um lado de dentro que se escava e desenvolve segundo uma dimensão própria: a enkrateia¹, a relação consigo como domínio, "é o poder que se exerce sobre si mesmo dentro do poder que se exerce sobre os outros" (quem poderia pretender governar os outros se não governa a si próprio?) [...] (Deleuze, 2005, p. 107, itálicos nossos).

Portanto, para Foucault, o fator relevante dos gregos não foi o desvelamento do Ser, mas sim o vergar o lado de fora em exercícios práticos. Isso quer dizer que os gregos dobraram a força relacionando-a consigo mesmo. O que Deleuze (2005, p. 109) destaca dessa compreensão de Foucault é a ideia de uma dimensão da subjetividade derivada do Saber e das relações de Poder, mas não dependente deles. Essa relação consigo mesmo identificada nos gregos vai ser metamorfoseada ao longo dos processos seguintes, com outras formas. Por isso, o desenvolvimento foucaultiano da análise da cultura de si dos gregos, da época imperial, dos estoicos e do cristianismo primitivo. A

¹ O termo *enkrateia* é apresentado por Foucault na primeira parte de *O Uso dos Prazeres*, quando abordará a problemática moral dos prazeres (Foucault, 2014b, p.45-122). O termo é muito utilizado próximo às virtudes como temperança e sabedoria em Xenofonte, Platão e outros. *Enkrateia* designa então a relação consigo mesmo, a atitude moral diante dos prazeres em seu bom uso, referindo-se "à dinâmica de uma dominação de si por si e ao esforço que ela exige" (Foucault, 2014b, p.78).

identificação de tais práticas em uma relação consigo mesmo é compreendida como um possível foco de resistência ante as subjetividades modernas. O contraponto se daria em relação a uma subjetividade como forma de sujeição desenvolvida em duas formas: uma sujeição que individualizaria o sujeito de acordo com as exigências do poder, em relação ao dispositivo do poder disciplinar; e outra sujeição que ligaria cada indivíduo a uma identidade conhecida e determinada definitivamente, derivada da biopolítica com o dispositivo da segurança, considerando o ser humano como espécie. “A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose” (Deleuze, 2005, p. 113).

O retorno aos gregos não caracteriza uma busca anacrônica por uma realidade já experimentada e possivelmente aplicada ao contemporâneo. Sua intenção é realizar uma ontologia do presente, analisar a realidade e possibilitar uma reflexão elencando as problemáticas existentes. Essa ontologia do presente, chamada também de ontologia de nós mesmos, retoma o método arqueológico, quando a análise história busca elencar os limites presentes (clara inspiração da análise transcendental de Kant) e também o método genealógico, que identifica a possibilidade de transposição desses limites, inspirado no trabalho de Nietzsche.

O *ethos* filosófico abordado por Foucault surge nesse momento de tensão e conciliação entre experiência teórica e experiência prática. Foucault encontra nas práticas de si uma possibilidade de crítica e um processo de transformação e constituição de si, ultrapassando e transpondo a crítica dos ideais ascéticos cristãos feita por Nietzsche em *A genealogia da moral*, possibilitando uma atualização desse esforço de constituição de si em um presente historicamente situado.

O surgimento desse *éthos* repousa num processo de exercício sem fim. Sendo assim, ele não pode ser realizado senão por um trabalho crítico e ascético de transformação de si. É nisso que se pode compreender como Foucault ultrapassa a crítica da ascese em Nietzsche: a crítica que se refere à ascese cristã e sua tendência em negar a vida se vê transposta ao plano da genealogia das livres práticas de si. As práticas da ascese estética implicam “uma crítica prática na forma da transposição possível”. Assim, a direção da existência filosófica passa da vontade de poder e da louca pretensão do super-homem à possibilidade de uma liberdade suscetível de se atualizar num presente limitado e historicamente circunscrito. (Heubel, 2014, p. 344).

Segundo Veyne (1985), é perceptível em *O Uso dos Prazeres* e *O cuidado de si* um diagnóstico que identifica na modernidade a incapacidade de fundamentar uma moral em uma natureza, razão ou origem. O que é possível perceber é a análise de uma relação consigo mesmo e que poderia inspirar uma fundamentação ética contemporânea. “A moral grega está bem morta e Foucault pensava que era pouco desejável e impossível ressuscitá-la [...]” (Veyne, 1985, p. 7). O detalhe desta moral que Foucault destaca e que parece suscetível de adquirir sentido atual é o trabalho de si sobre si, quando o sujeito se identifica como artista de si mesmo elaborando um estilo de existência, estilo aqui no sentido grego quando o artista era um artesão, conhecedor de uma técnica, e uma obra de arte.

Na introdução de *O Uso dos Prazeres*, que explica o motivo da mudança do seu eixo metodológico, Foucault realiza uma definição específica do conceito de moral e sua abordagem. Primeiramente, ele afirma que moral se refere ao conjunto de prescrições, normas, valores e regras que é proposto ao indivíduo em diferentes âmbitos como a família, o Estado, a Igreja; é o chamado código moral. Essa estruturação normativa pode ser bem definida através de uma elaboração expressa, uma publicação desse código, um livro sagrado, mas também não necessita ser assim. Esse código de conduta pode ser transmitido de forma difusa, não em um conjunto sistemático, mas através de um saber tradicional em um complexo jogo de elementos que possibilita interpretações e escapatórias, possibilitando a segunda interpretação de moral (Foucault, 2014b, p. 32).

Além disso, o termo moral refere-se à conduta do sujeito. Isso quer dizer que moral designa também o comportamento dos indivíduos em relação a esses valores e normas propostos, podendo submeter-se a eles completamente ou não, resistindo ou aderindo uma interdição. É o que Foucault chamou de moralidade dos comportamentos, em que o comportamento pode ser mensurado com valor positivo ou negativo.

Ainda existe uma terceira análise, na qual se enquadra o conduzir-se, isto é, os modos como o sujeito se constitui como sujeito moral agindo em referência aos elementos de um determinado código (Foucault, 2014b, p. 33). Isso significa que um código de ação é fornecido e para certos modos de ação existem modos distintos de se

conduzir moralmente. Esse é o ponto da relação consigo mesmo, quando o indivíduo instaura uma relação em que ele é agente, constituindo-se como sujeito moral. E é aqui que está o ponto nevrálgico da análise ética de Foucault que será desenvolvida ao longo do segundo, terceiro e quarto volume da *História da Sexualidade* em quatro eixos fundamentais: o corpo, a esposa, os rapazes e a verdade. A relação consigo mesmo é a maneira como o sujeito se constitui como sujeito moral e como ele se porta em referência aos elementos prescritivos.

Os volumes finais da *História da Sexualidade* encontram-se no âmbito do que Foucault chamou de ontologia histórica das relações com a moral, relações estas que constituem o sujeito como agente ético. A história da moral abordada por Foucault está focada principalmente na compreensão das relações do sujeito consigo mesmo, isto é, “a maneira pela qual alguém deve se constituir como sujeito moral que atua em referência aos elementos prescritivos que constituem o código” (Díaz, 2012, p. 157). Foucault afirma que, para realizar uma história da moral, é necessário antes levar em consideração todos os sentidos dessa palavra, analisando as “moralidades”, ou seja, as ações dos indivíduos em parâmetro com um código, investigando também a história dos códigos e sua estruturação e, por fim – e este é o foco de Foucault –, compreendendo também os modos como os sujeitos se constituíam como sujeitos morais.

E, finalmente, história da maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituir como sujeito de uma conduta moral: essa história será aquela dos modelos propostos para a instauração e o desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que procura efetuar sobre si. *Eis aí o que se poderia chamar uma história da “ética” e da “ascética”, entendida como história das formas da subjetivação moral e das práticas de si destinada a assegurá-la.* (Foucault, 2014b, p. 37, itálicos nossos).

Em relação a um código, existem maneiras distintas que o indivíduo busca agir como sujeito moral. Dentro dessa postura do sujeito, a constituição de si na relação consigo mesmo possui quatro principais aspectos: a determinação da substância ética; os modos de sujeição; a elaboração do trabalho ético; a teleologia² do sujeito moral

² O termo teleologia refere-se à parte da filosofia que investiga a finalidade das coisas. O termo foi cunhado por Wolff em 1728. Um sinônimo possível é o termo finalismo, que é a doutrina que investiga a

(Díaz, 2012, p. 157; Foucault, 2014a, p. 224-226). Esses aspectos circunscrevem a parte do sujeito que é o objeto da prática moral, a posição que ele toma ante ao preceito, as práticas necessárias para trabalhar sobre si mesmo e o modo de ser que é almejado como realização moral (Foucault, 2014b, p. 36).

3 OS QUATRO ASPECTOS ÉTICOS DA RELAÇÃO CONSIGO MESMO

O primeiro aspecto, a *substância ética*, é a parte de si mesmo ou o comportamento que está em relação com uma conduta moral. Isso quer dizer que a substância ética é o material identificado pelo sujeito que deve ser trabalhado pela moral (Foucault, 2014a, p. 224). A determinação dessa substância leva em consideração a qual grupo pertence o indivíduo para que ele possa atribuir uma forma a si mesmo, é um processo de determinação da matéria-prima de sua conduta moral. Segundo Díaz (2012, p. 158), a substância é identificada pela pergunta: qual parte do indivíduo ou da sua conduta diz respeito à conduta moral? Foucault diz de forma mais direta que a determinação da substância ética é “a maneira pela qual o indivíduo deve constituir tal parte dele mesmo como matéria principal de sua conduta moral” (Foucault, 2014b, p. 33). Com o desenvolvimento da cultura de si e da compreensão da relação consigo mesmo nos distintos períodos, são reconhecidas diferentes substâncias éticas, como o modo dos gregos lidarem com os desejos, o que Foucault define como *aphrodisia*³, como os cristãos desenvolveram a experiência da carne, a concupiscência, e como a sexualidade é compreendida no século XIX.

Portanto, o sujeito questiona-se sobre o que é moral nele, sobre qual a matéria-prima onde ele se forma como sujeito moral. Isso significa que, levando em consideração o grupo a que pertence e sua finalidade, o sujeito delimita a substância ética que é problematizada de diferentes formas em distintos momentos e situações.

causalidade do fim (Abbagnano, 2000, p. 947). O termo é utilizado por Foucault não no sentido originário grego que posteriormente foi utilizado pela escolástica, mas simplesmente para indicar a finalidade da relação consigo mesmo, qual modo de ser o sujeito almeja se tornar.

³ O termo grego *aphrodisia* é o adjetivo substantivado que os gregos utilizaram para nominar os atos, gestos que proporcionavam uma certa forma de prazer. Ele foi traduzido pelos latinos como *venerea* tendo como equivalentes coisas ou prazeres do amor, relações sexuais, atos da carne, e volúpias. Foucault resgata essa noção que os gregos descreviam como substância ética, quando, através da relação com o prazer, eles constituíam-se como sujeitos morais. É o primeiro ponto analisado na primeira parte de *O Uso dos Prazeres*, intitulado *A problematização moral dos prazeres* (Foucault, 2014b p. 48-63).

Um filósofo grego tinha como problema ético tocar ou não um rapaz pelo qual estava apaixonado; sua substância ética estava ligada ao desejo, ao ato e ao prazer. Em contraposição, Santo Agostinho, no livro IV das *Confissões*, se angustia porque não sabe exatamente que tipo de desejo sentia por um amigo de 18 anos. Sua substância ética estava ligada à representação originária desse amor: provinha do espírito ou da carne? A partir de outra perspectiva, o sujeito contemporâneo atende ao sentimento como determinante de sua substância. Ouve-se dizer, por exemplo, “sinto que isto é bom (ou ruim)” (Díaz, 2012, p. 158).

O segundo aspecto da moral da relação consigo mesmo diz respeito aos *modos de sujeição*. É o modo como os indivíduos reconhecem as obrigações morais que se impõe a eles, como reconhecem sua ligação a um código, a uma norma e estabelecem sua relação com ela. A pergunta que inspira esse aspecto pode ser em relação a uma lei divina, uma lei universal ou natural e a um modo de existência. Os cristãos, por exemplo, se questionam se devem e como podem obedecer à lei divina; os estoicos se questionam como agir de forma racional mediante a compreensão de pertencimento a um princípio universal; os gregos se questionavam sobre sua conduta sexual para que esta fosse coerente com a norma estabelecida. Portanto, a questão é: a que princípio se deve responder para ser moral (natureza, lei divina, regra racional, estética da existência ou verdades científicas)? A correspondência do sujeito a esse código varia segundo sua condição e também sua finalidade: ser um bom esposo, um bom cristão, atingir o domínio de si mesmo, perseverar na fidelidade, correspondendo a critérios de perfeição, bondade, beleza, nobreza ou esplendor.

Para tornar-se um sujeito ético em correspondência a um princípio de conduta, existem diferentes formas possíveis de *elaboração de um trabalho ético*, que é o terceiro aspecto da relação consigo mesmo. É o trabalho de transformação que o sujeito realiza em si mesmo, são os meios e as práticas de que ele se utiliza para a constituição de si, são as práticas de si. A pergunta que orienta o sujeito é a que questiona como se deve proceder para ser moral, quais práticas são necessárias para constituir-se como sujeito ético. A elaboração de um trabalho ético, do trabalho sobre si mesmo, é o modo como

o sujeito trabalhará a substância ética para transformar seu comportamento e adequá-lo à regra dada, como também realizar uma verdadeira transformação em si mesmo.

Que vamos fazer, seja para atenuar nossos desejos e moderá-los, seja para compreender quem somos nós, seja para suprimir nossos desejos, seja para nos servirmos de nosso desejo sexual a fim de realizar alguns objetivos, como ter filhos, toda essa elaboração de nós mesmos que tem por objetivo moral. *É o terceiro aspecto que eu chamo de prática de si ou de ascetismo – mas o ascetismo em uma acepção muito ampla.* (Foucault, 2014a, p. 225-226, itálicos nossos).

O quarto aspecto da relação consigo mesmo é a chamada *teleologia do sujeito moral*. Quando o sujeito busca constituir eticamente a si mesmo, observa o que em si mesmo deve ser trabalhado, qual a norma que o impele e quais as práticas que o possibilitarão constituir-se, ele almeja um modo de ser, ou seja, essa relação consigo mesmo possui uma finalidade, um objetivo, ele deseja torna-se um determinado tipo de sujeito; isso é a teleologia do sujeito moral. Os sujeitos, de acordo com sua finalidade e onde estão inseridos, se questionam como desejam ser. Os cristãos trabalham sobre si mesmos buscando a beatitude, ser uma alma boa e alcançar a salvação. O *telos* ético pode ser tornar-se um bom cidadão ou ter o domínio sobre si mesmo. É levantar a questão: “que espécie de ser queremos nos tornar quando temos um comportamento moral? Por exemplo, devemos nos tornar puros, imortais, livres mestres de nós mesmos etc.? É o que poderia chamar a teleologia moral” (Foucault, 2014a, p. 226). Ou seja, o que se aspira ao ser moral? Qual fim se persegue (liberdade, tranquilidade de ânimo, indiferença)? A teleologia do sujeito ético depende dele mesmo em relação ao seu próprio código (Díaz, 2012, p. 159).

Essa estrutura que Foucault identifica da relação ética consigo mesmo (substância ética; modos de sujeição; trabalho ético; teleologia) está exposta de modo mais extenso nas obras finais da *História da Sexualidade*. Díaz (2012, p. 160) afirma que não existe uma *História da Sexualidade*, mas uma História da ética entendida como relação consigo mesmo, como o indivíduo converte-se em sujeito moral em relação ao desejo. Nos gregos isso ocorre em relação aos prazeres, nos cristãos em relação à carne e no ser humano contemporâneo em relação à sua sexualidade.

Em síntese, os volumes finais da *História da Sexualidade* demonstram claramente a forma que o sujeito de desejo se relaciona consigo mesmo constituindo-se sujeito ético e como essa relação mantém os quatro aspectos, porém, com objetivos distintos. A *substância ética* para os gregos, dentro dessa análise, é a força que conduz o uso dos prazeres; para os estoicos é a mesma força, mas que indica sua fragilidade e para os cristãos seria a concupiscência, o desejo. A *sujeição* entre os gregos se daria pelo princípio da estética da existência e pelo viés comunitário, ou seja, político-estética; para os estoicos aconteceria através da Natureza, da lei e para os cristãos seria a Lei divina. O *trabalho ético realizado sobre si* para os gregos seria a ascética em sentido amplo e as relações políticas; para os estoicos seria também a ascética e o autodomínio; e para os cristãos seria a ascética e a auto decifração dos desejos. A *teleologia do trabalho ético* para os gregos é a liberdade para governar a cidade e a verdade; para os estoicos a imperturbabilidade do ânimo; e para os cristãos a salvação da alma (Díaz, 2012, p. 172).

Esquemáticamente, o que Foucault demonstrou foi que os três polos – ato, prazer e desejo – foram valorizados de maneiras distintas nessa relação ética consigo mesmo, inclusive despertando essa necessidade de constituição de si como sujeito moral. O visível nessa relação moral é o despertar e o imperativo que provoca o indivíduo a dar atenção a si mesmo, de trabalhar sobre si, e nessa tarefa ocorrem mudanças significativas, mas os temas permaneceram os mesmos. O que desperta a atenção de Foucault nessa análise do sujeito do desejo através da cultura helênica, greco-romana e cristã primitiva, é o cuidado de si como constituição ética de si mesmo, que é o foco deste trabalho: “Tratava-se de fazer de sua vida um objeto de conhecimento ou de uma *tekhné*, um objeto de arte” (Foucault, 2014a, p. 229).

4 A ÉTICA DO CUIDADO DE SI

A ideia do cuidado de si encontra-se melhor desenvolvida no curso *A hermenêutica do sujeito*. Apesar do nome, o curso não analisa o método cristão de uma hermenêutica de si na decifração do desejo interno para uma ruptura de si, mas sim o tema das práticas de si, das técnicas de subjetivação e da vinculação com a verdade. O

sujeito que é fruto e articula o cuidado de si é, e Foucault insistiu nisso, um sujeito ético (Gros, 2008, p. 127). Afirmar que o sujeito ético é constituído através do cuidado de si é o mesmo que dizer que este sujeito é transformável, é um sujeito que se constrói e propõe regras a sua própria existência.

A distinção feita por Foucault em *O Uso dos Prazeres* é imprescindível para essa compreensão e o porquê de se afirmar o cuidado de si como princípio ético: a moral é o conjunto de valores e regras propostos ao sujeito, essa moral gera a “moralidade dos comportamentos”, a forma de lidar com ela e a ética seria a maneira que cada um se constitui como sujeito moral, como se relaciona consigo mesmo em detrimento à norma (Revel, 2011, p. 59). O sujeito se constrói através de exercícios, de práticas de si, ou seja, constitui-se através de uma relação ética consigo mesmo, como descrito anteriormente.

Essa ética exige exercícios, regularidades, trabalho; porém sem efeito de coerção anônima. A formação, aqui, não procede nem de uma lei civil nem de uma prescrição religiosa: “O governo de si, com as técnicas que lhe são próprias, tem lugar ‘entre’ as instituições pedagógicas e as religiões de salvação” não é uma obrigação para todos, é uma escolha pessoal de existência. (Gros, 2010, p. 480).

Essa constituição do Eu ético, apesar de ser uma escolha pessoal, como afirma Gros, não é alheia ao papel de um Outro nem de uma realidade externa. O Eu ético não é o sujeito fundante do conhecimento. Ainda existe, mesmo que de modo mais sutil, a oposição da temática apresentada por Foucault em relação à tradição filosófica sobre o sujeito em relação a uma natureza originária e essencial da subjetividade, como a alma de Platão, a *res cogitans* de Descartes, o Eu transcendental de Kant e a consciência geradora de sentido da fenomenologia de Husserl (Gros, 2008, p. 128). A crítica de Foucault a um sujeito fundador encontra-se mais acirrada no período arqueológico, durante a década de 1960. Ao analisar as práticas de si, o cuidado de si, Foucault compreende a subjetividade e analisa o sujeito através do que se pode chamar de flexibilidade prática, ou seja, uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se constituir

É interessante analisar que, apesar de escrever histórias, como sobre a loucura e sobre a sexualidade, Foucault não procurou elaborar uma história doutrinal da filosofia.

Isso quer dizer que ele não se pauta por estudos sobre a alma, a lógica, a teoria, conteúdos doutrinários em si, que formam um conjunto estruturado do saber reflexivo e filosófico. É surpreendente a amplitude das leituras de Foucault de obras desse teor, dos clássicos, obras consultadas em original, mas na tentativa de identificar essa estrutura pré-doutrinal: a relação consigo mesmo para a construção subjetiva. Percebendo o cuidado de si como enunciado forte na Antiguidade greco-romana e essencialmente nos estoicos, Foucault delimita algumas características do cuidado de si, e consequentemente, de sua ética.

O primeiro ponto a se destacar é que *o cuidado de si constitui um sujeito da concentração*. Essa atitude é relacionada com os exercícios de conversão a si, de um retorno a si mesmo, não como uma hermenêutica de si, fazendo do próprio eu um objeto, mas é, antes de tudo, uma concentração em si mesmo que visa à intensificação da presença para si mesmo. O imperativo grego “conhece-te a ti mesmo” é pensado dentro do cuidado de si desse modo: é uma concentração e um acompanhamento de si mesmo. O cuidado de si como constituidor de um sujeito da concentração não é um desdobramento interior para fazer de si mesmo um objeto de observação reflexiva. Segundo Gros (2008, p. 130-131), a concentração em si mesmo ocasionada pelo cuidado de si é um princípio de imanência radical. O conhecer a si mesmo não é se dividir para se separar como objeto a ser descrito e estudado, mas é “permanecer totalmente presente a si mesmo e estar completamente atento às suas próprias capacidades” (Gros, 2008, p. 131). Isso quer dizer, em síntese, que o conhecimento não divide interiormente o sujeito como aquele que observa e como objeto observado, mas é uma concentração em si mesmo através de um esforço de vigilância; isso intensifica a imanência a si mesmo.

O cuidado de si também possui uma segunda característica na constituição do sujeito: *o fortalecimento ético*. Essa constituição de um sujeito forte assegura, através de exercícios próprios e de meditação, o domínio de si. O domínio de si é marcado pela capacidade de retirar as alegrias de si mesmo, de não fundamentar a própria felicidade em outra coisa que não si mesmo, de ser seu próprio porto seguro. A característica do fortalecimento ético do sujeito pelo cuidado de si é marcada pelo ideal estoico do sábio

com serenidade inabalável, da relação de imanência perfeita e absoluta (Gros, 2008, p. 131).

As duas características éticas do cuidado de si apresentadas acima são importantes para compreensão desse imperativo, porém possibilitam críticas justificáveis geradas por má-compreensões. A ética do cuidado de si apresentada por Foucault pode parecer um ideal egoísta. O eu solitário e autossuficiente que supostamente é caracterizado por esses dois postulados sinaliza uma indiferença ao mundo e às vicissitudes da existência, como um sujeito narcisista e fechado exclusivamente na relação consigo mesmo. Isso acarretaria um individualismo profundo e um rompimento com qualquer laço social e político; seria base de um sujeito fechado em si mesmo e a qualquer relação com o outro e com a realidade.

As críticas e os questionamentos sobre uma ética individualista e narcisista oriunda do cuidado de si podem ser rebatidos através de uma análise desse imperativo. No período socrático-platônico o cuidado de si era visto como princípio fundamental para se tornar um bom governante; Alcibiades é interpelado por Sócrates a cuidar de si mesmo para governar a cidade. Além disso, é importante ressaltar que Foucault não buscava na ética grega um ideal proposto para ser seguido. “Ele propõe uma leitura desta, mas não se coloca no plano do proselitismo” (Gros, 2008, p. 131). O que interessou Foucault na ética do cuidado de si foi a capacidade desse imperativo se integrar a um tecido social e constituir o motor de uma ação política e um modo de prática da liberdade. Portanto, e essa é outra característica dessa ética, o cuidado de si se exerce em um campo comunitário e institucional.

Foucault não deixa de insistir sobre esse ponto: *o cuidado de si não é uma atividade solitária, que cortaria do mundo aquele que se dedicasse a ele, mas constitui, ao contrário, uma modulação intensificada da relação social. Não se trata de renunciar ao mundo e aos outros, mas de modular de outro modo essa relação com os outros pelo cuidado de si.* (Gros, 2008, p. 132, itálicos nossos).

Sendo assim, o cuidado de si e essa ética percebida na cultura clássica possibilitam ao sujeito uma integração aos regimes de verdade em que ele se encontra. Esse ponto é importante porque a partir do momento em que o sujeito se reconhece

como inserido em regimes de verdade que o interpelam a uma formação de si, mesmo que sujeitada, o imperativo para cuidar de si mesmo e conseqüentemente para conhecer a si mesmo o provoca a uma constituição de si mesmo, a uma integração não submissa ao tecido social, mas consciente daquilo que ele considera como fundamental e os focos necessários de resistência. O cuidado de si não é uma constituição isolada de si mesmo, mas totalmente integrado a um campo social, comunitário e institucional como uma prática de liberdade.

5 O CUIDADO DE SI E A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DE SI MESMO

“O cuidado de si constitui, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual – ou a liberdade cívica, até certo ponto – foi pensada como ética” (Foucault, 2004, p. 267). Tema caro ao pensamento foucaultiano é a liberdade em tensão com a libertação. Foucault era prudente em afirmar que era necessária uma libertação de certas formas do sujeito e preferia afirmar a urgência de analisar e compreender as práticas de liberdade. Ao afirmar, e ele toma Freud como exemplo, que é necessária uma libertação do desejo e assim esse modelo é transposto para uma forma do sujeito se compreender em suas relações, Foucault (2004, p. 266-267) diz que a libertação ou uma teoria da libertação faz parecer que é necessário libertar o sujeito de certas amarras para encontrar sua verdadeira identidade ou sua essência, algo que seu pensamento era avesso ao afirmar que o sujeito é constituído através de diversas relações. Foucault já afirmou anteriormente que só é possível uma relação de poder se houver liberdade, portanto, não é necessário que o sujeito lute contra um poder opressor ou uma instituição definida, mas que através das práticas de liberdade ele possa realizar a resistência ante o assujeitamento, compreendida como afirmação da liberdade, ou seja, possa navegar nas relações de poder e modificá-las. Foucault alerta que se corre o risco de se esquecer “o problema ético que é o da prática de liberdade: como se pode praticar a liberdade?” (Foucault, 2004, p. 267). Para ele, a ética é a prática refletida da liberdade. “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (Foucault, 2004, p. 267).

Sendo assim, o cuidado de si analisado a partir dos gregos é uma forma de se conduzir bem, de praticar corretamente a liberdade. Através da relação consigo mesmo, de um conhecimento de si e de um esforço para domínio e superação de si e para controlar os apetites que possivelmente arrebatariam o indivíduo, o sujeito se constitui eticamente, livremente, não sendo escravo nem da cidade nem de si mesmo. Foucault encontra no cuidado de si uma maneira de se relacionar com o poder e afirmar a própria liberdade do sujeito na constituição de si mesmo, ou seja, uma forma de prática da liberdade.

Segundo Neto (2017, p. 114), na subjetividade em Foucault existe uma relação com as normas extraídas da cultura, sendo a primeira forma a do poder disciplinar e a segunda como uma autodisciplina; isso quer dizer que as práticas de si, o cuidado de si, são uma forma de pensar as práticas de liberdade não como ausência de normas, mas como um uso autônomo delas. A pergunta de foucaultiana é: Quem posso ser, considerando o regime de verdade que determina minha ontologia? O regime de verdade é posto em questão, se estabelece uma nova relação com ele, porque o “eu” não se reconhece nos termos disponíveis, oferecidos para um reconhecimento de si; daí a necessidade de uma prática de liberdade (Butler, 2017, p. 38). Ao que acrescenta o próprio Foucault (2004, p. 267): “A libertação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade”⁴.

É, portanto, no interior dessas relações de poder, invertendo-as, dobrando-as e reapropriando-se delas que se afirmará sua própria liberdade: *uma liberdade nascida da relação ética – constitutiva, criadora – com o si, uma vez que “a liberdade é a condição ontológica da ética”*. Porém a ética é a forma dotada de razão que toma a liberdade. (Revel, 2011, p. 98, itálicos nossos).

O cuidado de si não é algo dado de início, não é uma atitude espontânea e natural. O eu que cuida de si faz isso através de uma conquista difícil, já que a tendência mais natural pode ser a inclinação de ceder antes ao egoísmo do que ao cuidado ético. Essa compreensão possibilita a percepção e a função do outro no cuidado de si: busca-se um outro que ajude o sujeito a cuidar bem de si mesmo, um mestre da existência. O

⁴ Em perspectiva educacional, ver Freire (2021).

cuidado de si não é uma atividade solitária, mas uma tarefa ética que demanda o acompanhamento de um diretor através de conversas, cartas, ensinamentos, escolas, formações individuais; atividades claramente sociais nas quais o sujeito se coloca (Gros, 2008, p. 132). Nas palavras de Foucault:

O ethos também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer a magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si. (Foucault, 2004, p. 271, itálicos nossos).

A ação política também é intensificada pelo cuidado de si. Foucault assinala que o cuidado de si introduz uma distância entre o sujeito e o mundo que é constitutiva da ação. A distância aqui é necessária e instigada pelo cuidado de si para possibilitar que o indivíduo não se deixe fascinar pelo objetivo imediato, é uma distância que impede a ação precipitada e proporciona ao sujeito um retorno a si para discriminar os deveres e agir de modo correto e específico. “A distância, portanto, que é aprofundada pelo cuidado de si entre eu e o mundo é constitutiva da ação, mas de uma ação regulada, circunstanciada, refletida” (Gros, 2008, p. 132). O cuidado de si não possui como finalidade uma fuga do mundo, mas uma preparação para agir de maneira correta, é o que permite nele se situar e agir.

O cuidado de si, longe de gerar inatividade, nos faz agir como convém, onde e quando convém. Longe de nos isolar da comunidade humana, aparece, ao contrário, como aquilo que mais exatamente nos articula a ela, já que “a relação privilegiada, fundamental consigo mesmo, deve permitir [ao sujeito] descobrir-se como membro da comunidade humana que, dos laços mais estreitos de sangue, estende-se a toda espécie”. O sujeito, descoberto no cuidado, é totalmente o contrário de um indivíduo isolado: é um cidadão do mundo. *O cuidado de si é, pois, um princípio regulador da atividade, de nossa relação com o mundo e com os outros. Ele constitui a atividade, fornece sua medida e sua forma, e até mesmo a intensifica.* (Gros, 2010, p. 486, itálicos nossos).

O sujeito constituído pelo cuidado de si é, assim, um sujeito da ação e, como tal, o tipo de conhecimento que o orienta é aquele que se pode chamar de *ethopoético*. Esse conhecimento informa o seu modo de comportamento, ou seja, afeta seu modo de ser e agir; interpela o sujeito a realizar práticas de ação que são também práticas de si, como a meditação, a preparação para os males e para a morte. Portanto, o cuidado de si constitui um sujeito de ação, ele realiza sobre si práticas orientadas por conhecimentos que o modificam e o constituem como sujeito ético (Gros, 2008, p. 133).

O cuidado de si é impossível de acontecer sem o conhecimento de si e também o conhecimento de certo número de regras de ação, de conduta que são prescrições e verdades. “Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo de verdade” (Foucault, 2004, p. 269). Isso quer dizer que o imperativo *epiméleia heautoû* implica uma assimilação das verdades, compreendidas como jogos onde o discurso sobre a verdade encontra-se em regimes e a verdade é delimitada como pertencente a alguns saberes; a verdade é produzida e transmitida. O cuidado de si permite ao sujeito a assimilação e a relação com esses jogos em uma constituição de si mesmo através do que é determinado ao sujeito e também através da resistência e da elaboração de novas práticas e relações. As práticas de si e a relação ética consigo mesmo possibilitam a constituição autêntica de si mesmo, uma construção e elaboração de modelos de existência, culminando, por fim, na chamada estética da existência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À vista do exposto, são notórias a pertinência e a urgência de uma provocação como a que Foucault realizou através de sua obra. Ele buscou, através da história descontínua e dos saberes estruturados, a emergência do sujeito e de sua realidade. Em outras palavras, tentou diagnosticar o presente através de uma leitura atenta das estruturas que configuraram o que se é hoje. Fica exposta a impossibilidade de uma crítica ou adesões contemporâneas a modelos humanistas sem antes questionar como tais paradigmas se constituíram, o porquê de tais estruturas, antes declaradas imutáveis e universais e que visivelmente sofreram fortes abalos. A capacidade de Foucault

“sacudir” as evidências demonstra que pensamento desse filósofo, quarenta anos após a sua morte, ainda possui muito a ser pesquisado, explorado, somado e também muito a contribuir para uma crítica a sistemas contemporâneos.

A interpelação realizada por Foucault é específica ao propor a atividade filosófica como o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento. Sua proposta delinea a possibilidade de pensar diferente, o filosofar como “tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe” (Foucault, 2014b, p. 14). Em síntese, seu pensamento possibilita uma desnaturalização do sujeito.

A relação consigo mesmo pode demonstrar uma resposta frente à ascendência totalitária do século XXI, em regimes governamentais e também no crescimento da intolerância e de discursos de ódio. Isso quer dizer que o autoritarismo e a intolerância podem demonstrar falhas na relação que o sujeito estabelece consigo mesmo, possivelmente marcada por um viés individualista e que se reproduz no patrimonialismo, quando o governante confunde o privado com o público.

Ligado a isso, o cuidado de si reforça uma educação em que o sujeito se prepare para mudanças, se eduque para que, no trabalho a ele indicado, seja capaz de questionar os regimes de verdade aos quais está submetido e possa agir de maneira própria e não apenas uma desenvolver uma reprodução pedante e acrítica. O cuidado de si, desqualificado no momento cartesiano pela supremacia do conhecimento de si, demonstra a crise do conhecimento quando a filosofia, as pesquisas e os desdobramentos do saber não modificam o sujeito, não o interpelam a mudar a realidade que o circunscreve e possibilitam uma construção do sujeito e um acesso à verdade sem um trabalho interior ético. É margem que permite questionar qual o papel do intelectual moderno e qual o papel de uma formação acadêmica e pedagógica em propiciar nos sujeitos esse trabalho sobre si.

A possibilidade de uma postura crítica do sujeito é um fator relevante para a subjetividade contemporânea por seu caráter emancipatório. O assujeitamento é fruto desses saberes externos e institucionalizados que determinam modos de ser frente a uma constituição livre de si mesmo. Através da crítica, o sujeito se dá o direito de

questionar tanto individualizações como também totalizações coercitivas, não se submetendo a modos específicos de ser e nem a padronizações e normatizações sociais. Desse modo, a crítica possui “um caráter criticamente (auto)reflexivo e, portanto, possui potencial emancipatório” (Taylor, 2018, p. 228).

A relação consigo mesmo para uma constituição de si possui um caráter ético. Passivo de algumas críticas, o cuidado de si pode ser considerado egoísta, como uma fuga do mundo e um fechamento à socialização e ao papel do outro. Porém, o cuidado de si é uma forma de estabelecer uma relação ética consigo mesmo e também com as normas externas. O distanciamento que ele proporciona é uma preparação para ação no mundo. Além disso, estabelece a possibilidade de que o sujeito, consciente de si, de sua inserção no mundo e dos outros sujeitos ao seu redor, estabeleça uma relação consigo mesmo com uma determinada finalidade e utilize-se, encare de modo autônomo uma norma externa a ele e, se necessário, consiga, nessa postura crítica, encontrar modos de resistência ante à sujeição.

Foucault critica a ideia de um sujeito transparente ético, com uma essência escondida que precisa ser resgatada e conhecida. Essa ideia é retomada em questões contemporâneas, como na obra *Relatar a si mesmo*, de Judith Butler. Foucault, Butler e tantos outros pensadores percebem a impossibilidade de a contemporaneidade fundamentar uma ética em um princípio originário, natural ou em uma razão universal. A ética foucaultiana baseia-se no sujeito como um estar-sendo no mundo, um agir constante numa transformação de si mesmo, na elaboração de si como sujeito moral muito além dos códigos ou de uma correspondência cega aos códigos sem reflexão.

Ao colocar em questão um regime de verdade que governa a subjetivação, o sujeito coloca em questão a verdade sobre si mesmo e a capacidade de dizer e fazer um relato sobre si. É o caráter reflexivo da operação crítica perante um padrão normativo (Butler, 2017, p. 35).

O sujeito moral em Foucault e também em Butler é aquele capaz de assumir uma heteronomia sem sujeição e se reconhece como processualidade contínua. Ele não busca uma universalização moral, mas possibilita que os sujeitos se constituam em uma relação consigo mesmos e com o mundo simultaneamente. Não é uma busca por

modelos humanos ideais e nem por totalizações de identidades, mas é uma liberação para o sujeito analisar o que o constitui e principalmente constituir a si mesmo.

Foucault opera uma crítica aos modelos “humanistas”, ou seja, formas determinadas de pré-conceber o ser humano. Os “humanismos” são responsáveis por construir uma universalidade do si, eles foram forjados pelos diferentes saberes e foram direcionados para formas normativas. A estética da existência, ação do sujeito que põe em prática a ética do cuidado de si, o possibilita construir e elaborar outros modelos de vida, fazendo desta uma obra de arte. É uma busca de autonomia em direcionar as atitudes de forma autônoma, não assujeitada, esculpindo sua subjetividade e produzindo um estilo de vida próprio, por isso estética da existência. Isso só é possível através de um trabalho sobre si mesmo.

Por fim, reafirmamos a necessidade de uma ontologia do presente, como a operada por Foucault. Seu pensamento não busca uma anulação da dignidade humana e nem dos seus direitos, mas uma crítica aos humanismos que determinam um modelo ético universal válido para qualquer tipo de liberdade. Isso se dá pelo risco da manipulação de tais ideais na sujeição dos indivíduos por espectros políticos e institucionais. Quarenta anos após sua morte, Foucault segue sendo indispensável e inesgotável.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Filô)

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução: Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DÍAZ, Esther. **A filosofia de Michel Foucault**. Tradução: Cesar Candiotta. São Paulo: EdUNESP, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos e escritos V. Organização: Manoel Barros Motta. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Obras de Michel Foucault)

FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Ditos e escritos IX. Organização: Manoel Barros Motta. Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

GALVÃO, Bruno Abílio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuito**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 157-168, jun. 2014.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. *In*: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008. (Coleção Estudos Foucaultianos)

GROS, Frédéric. Situação do curso. *In*: FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Obras de Michel Foucault)

HEUBEL, Fabian. O que está em jogo em uma crítica “transcultural” a partir da obra do último Foucault. *In*: ARTIÈRES, Philippe *et al.* **Michel Foucault**. Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NETO, João Leite Ferreira. A analítica da subjetivação em Michel Foucault. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 7-25, 2017.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução: Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

TAYLOR, Diana (Org.). **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Tradução: Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018.

VENTURA, Rodrigo Cardoso. A estética da existência. Foucault e a psicanálise. **Cogito**, Salvador, n 9, p. 64-66, 2008.

VEYNE, Paul. O último Foucault e sua moral. **Critique**, Paris, Vol. XLIL, n 471-472, p. 933-941, Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1985. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/art10.pdf>. Acesso em: 28 maio 2024.

SOBRE OS AUTORES

Elvis Rezende Messias

Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), bolsista CAPES, Linha de Pesquisa Educação, Filosofia e Formação Humana (LIPEFH). Mestre em Educação (Filosofia da Educação) pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Especialista em Filosofia e em Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e em Doutrina Social da Igreja pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade de Campanha. Bacharel em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Docente-pesquisador da UEMG Campanha. Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Filosofia da Educação (GRUPEFE, CNPq).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6411412202303140>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5395-1964>

E-mail: elvis.messias@uemg.br

Iuri de Carvalho Santos

Bacharelado do 7º Período de Teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre-MG (FACAPA). Bacharel em Filosofia pelo Curso Livre do Instituto Filosófico São José, vinculado ao Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores, Diocese da Campanha-MG e Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas, mantido pelo Centro de Ensino Superior do Brasil de Valparaíso-GO. É seminarista da Diocese da Campanha e dedica-se à pesquisa nas áreas de Filosofia Contemporânea com ênfase em subjetividade, ética e sexualidade em Michel Foucault e relações com teoria e identidade de gênero. Atualmente dedica-se ao estudo sobre sexualidade e gênero na Teologia Dogmática dentro da Antropologia Teológica em relação com a Teologia Moral. É membro do Grupo de Pesquisa da Faculdade Jesuíta (FAJE) sobre a relação entre Teologia e Sexualidade.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8163379526549503>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9717-1390>

E-mail: iuri_carvalho100@hotmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO

MESSIAS, Elvis Rezende; SANTOS, Iuri de Carvalho. Implicações éticas do cuidado de si na obra de Michel Foucault **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, n. especial, p 71-95, out. 2024.

RECEBIDO EM: 02/06/2024

ACEITO EM: 30/07/2024

PUBLICADO EM: 15/10/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional